

O CONCEITO DE *DESCOLONIALIDADE* E OUTRAS REFLEXÕES NO CAMPO DA LINGUÍSTICA APLICADA: ENTREVISTA COM FERNANDO ZOLIN VESZ

Fernando Zolin Vesz

Doutor em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (UFG)
Professor Adjunto da área de Linguística na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)

Entrevistado por:

Everaldo Lima de Araújo

Doutorando em Letras – Língua Portuguesa – pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
ever.lima.araujo@gmail.com

Keyla Silva Rabêlo

Doutoranda em Letras – Língua Portuguesa – pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
keurabelo@yahoo.com.br

Priscilla da Silva Figueiredo

Doutoranda em Letras – Literaturas de Língua Inglesa – pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
priscilla.figueiredo.rj@gmail.com

Fernando Zolin Vesz é professor da área de Linguística no Departamento de Letras e no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). É líder do Grupo de Pesquisa Linguagens e Descolonialidades – GPLeD (UFMT/CNPq) e membro do GT de Práticas Identitárias na Linguística Aplicada da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (Anpoll). Possui graduação em Letras pela Universidade Federal de Santa Maria (2003), mestrado em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal de Mato Grosso (2012) e doutorado em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (2015). Tem experiência na área de Linguística Aplicada, atuando principalmente com a interface entre produção de conhecimento na área de estudos da linguagem e (des)colonialidade.

Fernando Zolin, em entrevista concedida via *e-mail*, discute questões ligadas ao conceito de “descolonialidade”, além de apresentar outras reflexões no campo da Linguística Aplicada.



PALIMPSESTO

1) Suas pesquisas e publicações recentes têm abordado a questão da descolonialidade.

Quais implicações desse conceito para o atual panorama dos estudos da linguagem?

FERNANDO ZOLIN VESZ

Inicialmente, gostaria de enfatizar que, quando proponho discutir a relação entre práticas linguísticas e descolonialidades (e explico mais adiante o motivo de empregar o termo “descolonialidade”, com o prefixo “des”, em vez de “decolonialidade”, como tem sido mais recorrentemente empregado), tal relação está diretamente vinculada à epistemologia. Por epistemologia, entendo a “ciência que se ocupa com as questões que dizem respeito aos métodos, organização, procedência, validade, limites do conhecimento, bem como sua relação com a realidade histórica” (STRECK; ADAMS, 2014, p. 35). Dessa forma, constitui espaço de relações de poder e de disputa, ou seja, o “de que lugar” o conhecimento está sendo produzido condiciona sua (in)visibilidade e, por conseguinte, hierarquias epistêmicas. Desde o período colonial até a contemporaneidade,

a hierarquia epistêmica hegemônica tem sido aquela em que “os conhecimentos produzidos no ‘ocidente’ são considerados superiores e os conhecimentos produzidos no mundo caracterizado como ‘não ocidental’ são considerados inferiores” (GROSFOGUEL, 2012, p. 339). Tomemos, como exemplo, a insistência, na área de conhecimento da Linguística, em atribuir a Ferdinand de Saussure a “paternidade” pela constituição de tal área como ciência, especialmente no tomar a língua como “objeto a ser escrutinado, classificado, nomeado, destrinchado, analisado e descrito segundo certas regras que definem o que conta como verdadeiro” (SEVERO, 2017, p. 40). Por esse viés, a relação entre práticas linguísticas e descolonialidades não constitui o “arcabouço teórico” sob o qual todas as minhas pesquisas se amparam para “revelar a verdade (única)” que os dados supostamente “evidenciam”, mas a perspectiva epistemológica com que desenvolvo pesquisas, entendendo-as, em última análise, como “invenção”, a partir de prismas que denotam posicionamentos produzidos pelas relações de poder, de poder-saber. Desse modo, acredito que a principal contribuição das discussões sobre descolonialidade para os estudos da linguagem é buscar compreender como as práticas linguísticas, mesmo na contemporaneidade, ainda constroem as colonialidades (principalmente em relação aos purismos e fundamentalismos característicos da acepção eurocentrada do conceito de língua) que produzem classificações hierárquicas e, portanto, dissimétricas do mundo e da vida social, tais como as conhecidas matrizes binárias e excludentes, a exemplo de científico/não científico, verdadeiro/falso e correto/errado. Se a colonialidade equivale à manutenção dessas categorias de classificação entre “ocidentais” e “não ocidentais”, as quais continuam intactas e (re)produzindo hierarquias, inclusive epistêmicas, a descolonialidade busca alternativas para a construção e a compreensão do mundo e da vida social, em particular pelo prisma

das epistemologias escamoteadas pela instituição de um modelo eurocêntrico de ciência linguística, de modo a questionar as categorizações e hierarquizações que esse modelo apregoa.

PALIMPSESTO

2) Atualmente deparamo-nos com os conceitos de pós-colonialidade, de descolonialidade e de decolonialidade. Há diferença(s) entre eles? Se sim, como se lida com essa diferença?

FERNANDO ZOLIN VESZ

Confesso que ainda não havia ouvido falar em “pós-colonialidade”. Porém, pensando na discussão a respeito do emprego entre “descolonialidade” e “decolonialidade”, talvez possa trazer uma abordagem interessante. O ponto central em torno de tal discussão vincula-se ao emprego do prefixo “des” ou “de”. Os estudos mais recentes têm optado pelo uso de “decolonialidade” como alternativa para escapar da possível associação com o conceito de “descolonização”, relacionado ao “fim do colonialismo político, enquanto forma de dominação que envolve a negação da independência política de povos e/ou nações subjugadas” (SANTOS; MENESES, 2010, p. 12). Como expus na resposta à pergunta anterior, o conceito de “descolonialidade” relaciona-se à “busca por alternativas para a construção e a compreensão do mundo e da vida social” no que tange às relações sociais e epistêmicas extremamente desiguais geradas por esse sistema colonial, as quais mantêm-se, na contemporaneidade, na forma das mais diversas colonialidades – a exemplo da veemência com que é atribuída a

Ferdinand de Saussure a paternidade pela constituição da Linguística, como apresentei na resposta à pergunta 1. Portanto, a meu ver, o emprego de “descolonialidade” não constrói uma associação com “descolonização”, pois estamos abordando âmbitos diferentes: “descolonização” estaria associada à esfera política, e “descolonialidade” ao campo da construção de sentidos sobre o mundo e a vida social. O termo “pós-colonialidade” talvez demande certa precaução para não proporcionar a interpretação de que se trata de “sucessão linear de estágios”, “evolução”, “avanço”, conceitos caros à concepção eurocentrada de ciência linguística, da qual, como expus na resposta à pergunta 1, somos herdeiros.

PALIMPSESTO

3) Em que consiste a crítica pós-colonial e de que forma os estudos linguísticos têm se aproximado, epistemologicamente, dessa discussão?

FERNANDO ZOLIN VESZ

Para responder a esta pergunta, creio que a discussão apresentada por Severo (2017) possa contribuir. Conforme a autora, “a Linguística moderna resiste a uma revisão epistemológica e política de suas bases, confrontando as condições históricas de sua emergência” (SEVERO, 2017, p. 51), ou seja, é pouco comum depararmos com “uma revisão crítica dos postulados linguísticos que revele a maneira como a Linguística recortou e construiu, politicamente, o seu objeto, especialmente a partir do século XVIII” (SEVERO, 2017, p. 51). Essa “revisão crítica” que, segundo a autora, a Linguística ainda carece, parece constituir o que se convencionou denominar “crítica pós-colonial”.

Portanto, embora alguns estudiosos da linguagem tenham se debruçado em entender como a Linguística ainda se embasa em pressupostos epistemológicos herdeiros da compreensão eurocêntrica de ciência linguística, de modo geral, ainda são vistas como pesquisas periféricas – basta pensarmos a recorrência da matriz binária “científico/não científico” na constituição das pesquisas em Linguística para entendermos como há ainda um longo caminho pela frente.

PALIMPSESTO

4) Quais limites e desafios encontrados pela Linguística e pela Linguística Aplicada em relação aos estudos descoloniais?

FERNANDO ZOLIN VESZ

Creio que resposta à pergunta 3 nos propicia um bom ponto de partida para a compreensão deste questionamento. Como venho abordando nesta entrevista, uma das formas de colonialidade é a epistemológica: epistemologias eurocentradas são tidas como universais, produzidas para explicar tudo e todos da mesma forma, de modo que continuamos a importar epistemologias, desenvolvidas em centros de pesquisa das “metrópoles” da produção de conhecimento, para aqui serem aplicadas a fim de produzir “verdades únicas”. Se o conceito de “descolonialidade” relaciona-se à “busca por alternativas para a construção e a compreensão do mundo e da vida social”, o que inclui a procura também por epistemologias produzidas fora do eixo “científico/não científico”, tanto os limites quanto os desafios me parecem estar estritamente relacionados: precisamos construir pesquisas na área dos estudos linguísticos que questionam os

pressupostos os quais garantem a “cientificidade” da Linguística e da Linguística Aplicada, enquanto campos do conhecimento moldados por um ideal de ciência que a descreve como universal. A Linguística Aplicada indisciplinar, proposta por Moita Lopes (2006), tem trilhado esse caminho, mas ainda carece de ampliação do campo de investigação – são poucos os linguistas aplicados que conseguem se sentir confortáveis diante do questionamento da “cientificidade” da própria área, uma vez que ainda conduzem pesquisas em Linguística Aplicada amparados por parâmetros de universalidade e verdades únicas.

PALIMPSESTO

5) Você é líder do Grupo de Pesquisa Linguagens e Descolonialidades (GPLeD), do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT). Como o GPLeD tem contribuído para questionar o papel da escola na produção de colonialidades e legitimação de desigualdades sociais?

FERNANDO ZOLIN VESZ

Conforme abordei na resposta à pergunta 1, nas pesquisas que desenvolvo, o conceito de descolonialidade não constitui o “arcabouço teórico” sob o qual todas as investigações devem se amparar, mas a perspectiva epistemológica com que tais pesquisas são conduzidas. Assim, temos trabalhado em duas vertentes: 1) a construção discursiva do que se convencionou denominar “mundo árabe” (e a relação binária que se perpetua na associação entre “nós” – ocidentais e civilizados – e “eles” – os árabes terroristas –, de modo a compreender a manutenção de binarismos excludentes na

contemporaneidade; e 2) a concepção monocêntrica de língua, amparada pelo discurso monolíngue, o qual ainda impera nas mais diversas esferas da sociedade contemporânea. Talvez seja nesse segundo eixo que podemos principalmente “questionar o papel da escola na produção de colonialidades e legitimação de desigualdades sociais”: quando mantemos uma concepção de língua pautada em binômios, como “certo/errado”, ensinamos, de igual modo, que haveria determinadas formas únicas (“mais corretas”, portanto) de ser/estar no mundo de acordo com cada instância da vida social. É esse modo de compreender a vida e o mundo social, herdeiro de todo um conjunto de entendimentos os quais denominamos hoje como colonialidade, que legitima verdades únicas e, assim, as desigualdades sociais. A meu ver, enquanto não inquirirmos essa concepção de língua na escola, a qual apregoa binarismos e universalismos, pouco adianta tratarmos de diversidade linguística, por exemplo, pois o que mantém o preconceito, de modo geral, é o modo de pensar que alicerça o binômio “certo/errado” nas práticas linguísticas. Grosfoguel (2012) talvez seja uma leitura interessante que pode ajudar na compreensão desse argumento. Para o autor, a colonialidade perpassa os mais diversos âmbitos do mundo e da vida social – “a sexualidade, as relações de gênero, a política, a economia e as hierarquias etnorraciais” (GROSFOGUEL, 2012, p. 343) –, incluindo aí, eu acrescentaria o preconceito linguístico.

PALIMPSESTO

6) De que forma o debate sobre descolonialidades oferece novas formas de pensar os processos de ensino-aprendizagem de língua e literatura na contemporaneidade?

FERNANDO ZOLIN VESZ

Em relação ao ensino-aprendizagem de língua, acredito que a resposta à pergunta anterior mais ou menos contempla essas “novas formas de pensar” que a discussão sobre descolonialidades possibilita. Enfatizo, nesta pergunta, a perspectiva em relação à literatura, baseando-me em Zolin-Vesz e Santos (2018). Dois pontos me parecem centrais para entendermos a perspectiva das descolonialidades e o ensino de literatura, sintetizados pelo (1) emprego da literatura classificada como não canônica – por exemplo, a biografia de Rigoberta Menchú [“a literatura considerada como não canônica pode contribuir (...) para que problematizemos determinadas conjunturas, em particular aquela relacionada com o privilégio excludente da literatura canônica”] (ZOLIN-VESZ; SANTOS, 2018, p. 126)] – e (2) as práticas de colonialidade que ainda acometem determinados grupos sociais, como os indígenas das Américas, de modo a “evidenciar a violência contra os povos autóctones, perpetuadas desde o período da colonização, e que, devido à colonialidade, dilui-se ainda hoje em práticas de exclusão e de marginalização” (ZOLIN-VESZ; SANTOS, 2018, p. 126). Por esse ângulo, portanto, o debate sobre descolonialidades e o ensino de literatura podem constituir “novas formas de pensar” ao possibilitar o questionamento de privilégios os quais a colonialidade insiste em perpetuar.

PALIMPSESTO

7) Em seus estudos, você também trata de questões como "privilégio do paradigma monolíngue" e "cruzamento linguístico". Gostaríamos que explicasse sobre esses fenômenos e seus efeitos sobre o currículo.

FERNANDO ZOLIN VESZ

O privilégio do paradigma monolíngue pode ser identificado em nosso dia-a-dia: por exemplo, quando uma edição temática de uma das revistas de moda mais conceituadas do mundo decide “celebrar” a língua portuguesa (ZOLIN-VESZ; SANTOS; CARDOSO, 2019), o engessamento dos valores de verdade relacionados ao paradigma/discurso monolíngue continua a apresentar como únicas possibilidades legítimas aquelas práticas linguísticas que consideram privilegiadamente posicionamentos monocêntricos sobre a concepção de língua. Assim, qualquer prática linguística, que destoe das fixas, rígidas e hierárquicas normas impostas pelo paradigma/discurso monolíngue no modo como concebemos língua, tem sido considerada invariavelmente como inaceitável, devendo, portanto, ser rejeitada. Outro exemplo é a discussão, em 2011, criada pela mídia em relação à abordagem das variedades linguísticas do português brasileiro no livro didático *Por uma vida melhor*, distribuído pelo Ministério da Educação, muito bem abordada por Grigoletto (2012) e por Baronas e Cox (2013). Já cruzamento linguístico é um conceito que tomei emprestado de Cox e Assis-Peterson (2006) e de Assis-Peterson (2008) para a geração de dados para a investigação que desenvolvi em Zolin-Vesz e Santos (2017). Como expus nesse texto, trata-se de um “fenômeno característico das sociedades contemporâneas, em que pessoas interagem paulatinamente em espaços diversos, transitando por eles majoritariamente por meio de línguas cada vez mais des/reterritorializadas” (ZOLIN-VESZ; SANTOS, 2017, p. 80). Tal conceito, portanto, está diretamente vinculado às configurações do mundo contemporâneo que possibilitam práticas linguísticas cada vez mais plurais – tanto a discussão a respeito do conceito de transglossia, proposto por Cox

e Assis-Peterson (2006) e Assis-Peterson (2008), quanto a definição de enunciado des/reterritorializado, que apresento em Zolin-Vesz (2016) e que discuto na resposta à próxima pergunta, podem exemplificar essas configurações do mundo contemporâneo.

PALIMPSESTO

8) Você tem proposto uma reflexão, a partir de estudos próprios e de orientandos, que aborda o conceito de enunciados des/reterritorializados. Em que consiste essa proposição e qual seria o seu mérito para o ensino de línguas?

FERNANDO ZOLIN VESZ

O que entendo por enunciados des/reterritorializados são as “construções (linguístico-culturais) que sugerem transitoriedade múltipla e maior por territorialidades, estimulando desestabilizações em relação ao sentido e ao valor de verdade que compõem determinadas territorialidades” (ZOLIN-VESZ, 2016, p. 219). Pensei em tal conceito como forma de entender as práticas linguísticas e textuais que expandem as normatividades impostas pelo discurso monolíngue. Na verdade, tentei me aproximar dos estudos do discurso – por isso o emprego de enunciado. O intuito, em última análise, ao pensar em construções linguísticas não monocêntricas, é contribuir para ponderarmos em nossas salas de aula sobre os efeitos de verdade do conceito de língua emoldurado pelo discurso monolíngue. Proponho, desse modo, construir uma sala de aula pautada na equidade entre os alunos: em vez de a resposta correta monocêntrica, múltiplas práticas linguísticas seriam convocadas, como incremento para a formação não apenas em diversidade linguística de nossos alunos, mas também sobre a multiplicidade das formas

de ser/estar no mundo. Acredito ser essa a principal contribuição que a discussão sobre enunciados des/reterritorializados possa trazer para o ensino de línguas, em particular se levarmos em consideração o paradigma/discurso monolíngue como uma das facetas das práticas de colonialidade.

Referências

ASSIS-PETERSON, A. A. Como ser feliz no meio de anglicismos: processos transglóssicos e transculturais. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, SP, v. 47, n. 2, p. 323-340, 2008.

BARONAS, R. L.; COX, M. I. P. Por uma vida melhor na mídia: discurso, aforização e polêmica. *Linguagem em (Dis)curso*, v. 13, n. 1, p. 65-93, 2013.

COX, M. I. P.; ASSIS-PETERSON, A. A. The notion of transglossia and the phenomenon of linguistic mestizations in contemporary societies. *Revista da Anpoll*, v. 1, n. 20, p. 131-151, 2006.

GRIGOLETTO, M. Mídia e discurso sobre ensino de línguas na escola: circulação de saber e posição-sujeito para o aluno. *Eutomia*, v. 1, n. 9, p. 308-320, 2012.

MOITA LOPES, L. P. (org.). *Por uma linguística aplicada INdisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006. 280p.

SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. Introdução. In: SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (orgs.). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Almedina, 2010, 2. ed. p. 9-20.

STRECK, D. R.; ADAMS, T. *Pesquisa participativa, emancipação e (des)colonialidade*. Curitiba: CRV, 2014. 152p.

SEVERO, C. G. Pós-colonialismo e Linguística: relação (im)possível? In: ZOLIN-VESZ, F. (org.). *Linguagens e descolonialidades: volume 2 – práticas languageiras e produção de (des)colonialidades na contemporaneidade*. Campinas: Pontes, p. 39-54, 2017.

ZOLIN-VESZ, F. Gusta me mucho: enunciados des/reterritorializados e a concepção de língua. *Linguagem & Ensino*, v. 19, n. 1, p. 217-228, 2016.

ZOLIN-VESZ, F.; SANTOS, A. S. A legitimação do discurso monolíngue em textos produzidos por alunos do curso de Letras. In: ZOLIN-VESZ, F. (org.). *Linguagens e*

descolonialidades: volume 2 – práticas languageiras e produção de (des)colonialidades na contemporaneidade. Campinas: Pontes, p. 79-88, 2017.

ZOLIN-VESZ, F.; SANTOS, S. L. Possibilidades para a inclusão de literatura (não canônica) no ensino médio: Me llamo Rigoberta Menchú y así me nació la conciencia na sala de aula. *Signo*, v. 43, n. 78, p. 123-130, 2018.

ZOLIN-VESZ, F.; SANTOS, A. S.; CARDOSO, M. C. “Minha pátria é minha língua”: a celebração do discurso monolíngue na revista Vogue. *Gragoatá*, v. 24, n. 48, p. 177-190, 2019.

THE CONCEPT OF *DECOLONIALITY* AND OTHER REFLECTIONS ON APPLIED LINGUISTICS: AN INTERVIEW WITH FERNANDO ZOLIN VESZ

Fernando Zolin Vesz

PhD in Letters and Linguistics (Universidade Federal de Goiás, UFG)
Adjunct Professor in Linguistics (Universidade Federal de Mato Grosso, UFMT)

Interviewed by:

Everaldo Lima de Araújo

PhD student in Letters – Portuguese Language (University of the State of Rio de Janeiro, UERJ)
ever.lima.araujo@gmail.com

Keyla Silva Rabêlo

PhD student in Letters – Portuguese Language (University of the State of Rio de Janeiro, UERJ)
keurabelo@yahoo.com.br

Priscilla da Silva Figueiredo

PhD student in Letters – English Literature (University of the State of Rio de Janeiro, UERJ)
priscilla.figueiredo.rj@gmail.com

Translated by:

Thales Sant'Ana Ferreira Mendes

MA student in Brazilian Literature (University of the State of Rio de Janeiro, UERJ)
thales.sanfer@hotmail.com

Fernando Zolin Vesz is Linguistics Professor at the Department of Letters and the Postgraduate Program in Language Studies of the Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). He is the leader of the Languages and Decoloniality Research Group (*Grupo de Pesquisa Linguagens e Descolonialidades – GPLeD, UFMT/CNPq*) and member of ANPOLL's Group of Identity Practices in Applied Linguistics. MA in Language Studies (Universidade Federal do Mato Grosso, 2012) and PhD in Letters and Linguistics (Universidade Federal de Goiás, 2015), he has been researching mainly the interface between production of knowledge in the language studies and decoloniality.

In this interview, Professor Zolin Vesz discusses questions related to the concept of *decoloniality*, besides arising other reflections on Applied Linguistics.

PALIMPSESTO

1) Your last researches and publications have approached the concept of *decoloniality*.

Which implications does it have for the current landscape of language studies?

FERNANDO ZOLIN VESZ

First of all, I would like to highlight that, when I try to discuss the relation between linguistic practices and decolonialities (I explain further up the reason of using, in Portuguese, the word “*descolonialidade*”, with prefix “des-”, instead of “*decolonialidade*”, as it has been more commonly used), that relation is directly attached to epistemology. By epistemology, I mean the “science that deals with issues concerning methods, organization, origin, validity, limits of knowledge, as well as its relation to historical reality” (STRECK; ADAMS, 2014, p. 35). Thus, it is a space made of power relations, what means that the place where the knowledge is produced conditions its visibility or invisibility and, consequently, epistemic hierarchies. From the colonial period to contemporary, the hegemonic epistemic hierarchy has been being the one in which “the knowledge produced in the ‘West’ is considered superior and the knowledge produced in the world characterized as ‘no-Western’ is considered inferior” (GROSFOGUEL, 2012, p. 339). We can take as example the insistence, in the area of Linguistics, on attributing to Ferdinand de Saussure the “paternity” for the constitution of this area as a science, especially for considering the language as an “object to be scrutinized, classified, named, untangled, analyzed and described according to some rules that define what is considered true” (SEVERO, 2017, p. 40). In this way, the relation between linguistic practices and decolonialities does not constitute the “theoretical foundation” under which all of my

researches are grounded in order to “reveal the (only) truth” that the data apparently “prove”, but the epistemological perspective with which I develop my researches. And I understand them, ultimately, as “invention”, based on perspectives that denote positions produced by power relations. Thus, I believe that the main contribution of the discussions about decoloniality for the languages studies is the attempt to understand how linguistic practices, even nowadays, still build colonialities (mainly those ones concerning purisms and fundamentalisms, typical of the Eurocentric meaning of the concept of language) that produce hierarchical classifications. They are also dissymmetrical classifications of the world and social life, as, for example, the wide-known binary and excluding matrices: scientific and unscientific, true and false, right and wrong. If coloniality means the maintenance of those categories of classification between “Western” and “no-Western”, which are still intact and constantly reproducing hierarchies – including the epistemic ones –, the decoloniality seeks alternatives to the construction and understanding of the world and social life. How? By questioning the categorizations and hierarchies that the institution of a Eurocentric model of linguistic science proclaims, mainly through the perspective of the epistemologies concealed by that model.

PALIMPSESTO

2) In Portuguese, there are concepts as *pós-colonialidade*, *descolonialidade* and *decolonialidade*. Are there differences between them? If so, how do you deal with them?

FERNANDO ZOLIN VESZ

I must confess that I have not heard of “pós-colonialidade” (*post-coloniality*) yet. However, thinking about the discussion between the use of “descolonialidade” and “decolonialidade”, maybe I might present an interesting approach. The issue of this discussion is linked to the use of the prefix “des-” or “de-”. Recent studies have opted for “descolonialidade” as an alternative to avoid the potential association to the concept of “descolonização” (“decolonization”). The latter means “the end of the political colonialism, while a way of domination which involves the negation of the political independence of subdued people or nations” (SANTOS; MENESES, 2010, p. 12). As I have told in the former answer, the concept of “descolonialidade” means the search for alternatives to the construction and understanding of the world and social life, concerning the social and epistemic relationships extremely unequal engendered by that colonial system, which, nowadays, persist in the most different ways. Therefore, in my view, the use of “descolonialidade” does not associate itself with “descolonização”, since there are, in this case, different scopes at stake: “descolonização” would be related to political world, and “descolonialidade” to the construction of meanings of the world and social life. Maybe the word “pós-colonialidade” requires a kind of a care lest create the interpretation of something that would be an “evolution”, a “progress,” a “linear sequence of stages”. These are concepts dear to the Eurocentric perspective of Linguistic Sciences, of which we are all heirs.

PALIMPSESTO

3) What does postcolonial criticism consist of and how have linguistic studies been approaching this discussion epistemologically?

FERNANDO ZOLIN VESZ

I believe that Severo's point of view may contribute to the answer of this question. According to her, "modern Linguistics have been resisting to an epistemological and political review of their foundations, by confronting the historical conditions of their emergence" (SEVERO, 2017, p. 51). In other words, it is not common to find a "critical review of the linguistic postulates which reveals the way how Linguistics have selected and built their object, especially from the eighteenth century" (SEVERO, 2017, p. 51). That "critical review" – which, according to the authoress, Linguistics still lack – seems to constitute what has been settled as "post-colonial critic". Thus – although some scholars in the area of language have been trying to understand how Linguistics are still grounded on epistemological assumptions inherited from an Eurocentric understanding of the Linguistic Sciences –, altogether, they are still seen as peripheral researches. Just think on the recurrence of the binary matrix "scientific and unscientific" in the constitution of the researches in Linguistics to understand how there is still a long way to go.

PALIMPSESTO

4) What limits and challenges have Linguistics and Applied Linguistics encountered in relation to decolonial studies?

FERNANDO ZOLIN VESZ

I believe that the answer for the third question gives us a starting point to the comprehension of this question. As I have been approaching in this interview, one of the ways of coloniality is the epistemological: Eurocentric epistemologies are considered universal, produced to explain everything and everybody in the same way, so that we are still importing epistemologies (developed in the research Centers of the “metropolises” of knowledge) to be applied here in order to produce “single truths”. Once the concept of “decoloniality” links to the search for alternatives to the construction and understanding of the world and social life (what also includes the search for epistemologies produced outside the axis “scientific/unscientific”), I understand that not only the limits, but also the challenges, seem to be strictly related. Thus, we need to construct researches in the area of Language Studies that question the assumptions that guarantee the “scientificity” of Linguistics and Applied Linguistics, as knowledge areas shaped by an ideal of science that describes it as universal. The Indisciplinary Applied Linguistics, proposed by Moita Lopes (2006), has been tracking this path, but it still lacks enlargement of the area of investigation. There are only few applied linguists that feel comfortable to question the “scientificity” of their own area of study. They still lead researches in Applied Linguistics supported by parameters of universality and single truths.

PALIMPSESTO

5) You are the leader of the Languages and Decoloniality Research Group at the Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT). How has GPLeD contributed to question the role of school in the production of colonialities and legitimization of social inequalities?

FERNANDO ZOLIN VESZ

As I have answered in the first question, in all the researches I develop, the concept of decoloniality does not constitute the theoretical foundation under which all the investigations must be grounded, but the epistemological perspective with which such researches are lead. Thus, we have been working in two ways: 1) the discursive construction of what has been conventionally called the “Arabian world” (and the binary relation that perpetuates in the association between “us”, the Western and civilized, and “them”, the Arabian terrorists), trying to understand the maintenance of excluding binarisms; 2) the monocentric conception of language, supported by the monolingual discourse, which still reigns in different strata of contemporary society. Maybe it is in this second one that we can question the role of the school in the production of colonialities and legitimation of social inequalities. When we keep a conception of language supported by binomials, as “right/wrong”, we teach, at the same time, that there would be single ways (more “correct”, in this sense) of being in the world, according to each instance of social life. This way of understanding life and social world – inherited from a whole set of perspectives that we, nowadays, call coloniality – legitimates single truths and, therefore, social inequalities. To me, if we do not inquire this conception of language at school (which proclaims binarisms and universality), there will be no use of approaching linguistic diversity, for example, because what supports prejudices, generally, is that way of thinking that reinforces the binominal “right/wrong” of the linguistic practices. Perhaps Grosfoguel (2012) is an interesting reading that can help understanding this argument. According to him, the coloniality runs through the different spheres of the world and the

social life, such as “the sexuality, the gender relations, the politics, the economy and the racial and ethnic hierarchies” (GROSFOGUEL, 2012, p. 343) – I would also include the linguistic prejudice.

PALIMPSESTO

6) How does the debate about decolonialities offer new ways of thinking the process of language and literature teaching and learning?

FERNANDO ZOLIN VESZ

In relation to language teaching and learning, I believe that the answer to the former question includes, more or less, the “new ways of thinking” that the discussion about decolonialities enables. I stress, in this question, based on Zolin-Vesz e Santos (2018), the perspective concerning literature. There are two matters that I consider important to understand the perspective of decolonialities and literature teaching. First: the use of the literature classified as non-canonical – for example, the biography of Rigoberta Menchú: “the literature considered as non-canonical can contribute [...] to problematize certain conjunctures, in particular that one related to the exclusive privilege of canonical literature” (ZOLIN-VESZ; SANTOS, 2018, p. 126). Second: the practices of coloniality that still affect certain social groups, such as the indigenous peoples of the Americas, in order to “show the violence against indigenous peoples, perpetuated since the colonization period, and which, due to coloniality, is still diluted in practices of exclusion and marginalization” (ZOLIN-VESZ; SANTOS, 2018, p. 126). Therefore, in this

sense, the discussion about decolonialities and the teaching of literature can constitute “new ways of thinking” by allowing to question the privileges perpetuated by coloniality.

PALIMPSESTO

7) You also approach issues like the “privilege of the monolingual paradigm” and “linguistic crossing” in your works. Could you explain about these phenomena and their effects on the curriculum?

FERNANDO ZOLIN VESZ

The privilege of the monolingual paradigm can be identified in our day-to-day. For example, when a thematic issue of one of the most highly regarded fashion magazines of the world decide to “celebrate” the Portuguese language (ZOLIN-VESZ; SANTOS; CARDOSO, 2019), the plastering of truth values related to the monolingual paradigm/discourse continues to present as only legitimate possibilities those linguistic practices that preferentially consider monocentric positions on the concept of language. Thus, any linguistic practice – that strays from the fixed, rigid and hierarchical norms imposed by the monolingual paradigm/discourse in the way we understand the language – have been considered, invariably, as unacceptable, so they must, in this sense, be rejected. Another example is the discussion created by the media, in 2011, regarding the approaching of linguistic variations of Brazilian Portuguese language, in the textbook *Por uma vida melhor*, issued by the Ministry of Education – discussion studied properly by Grigoletto (2012) and by Baronas and Cox (2013). Linguistic crossing, in its turn, is a concept that I have borrowed from Cox and Assis-Peterson (2006) and from Assis-

Peterson (2008) to the investigation that I developed in Zolin-Vesz and Santos (2017). As I have said in this text, it is a “phenomenon typical of contemporary societies, in which people interact constantly in different spaces, running through them mainly using languages more and more reterritorialized” (ZOLIN-VESZ; SANTOS, 2017, p. 80). The concept, therefore, is directly linked to the configurations of contemporary world that allow linguistic practices increasingly plural. Examples of configurations of contemporary world are the discussion about the concept of transglossia, proposed by Cox and Assis-Peterson (2006) and by Assis-Peterson (2008), and the definition of deterritorialized and reterritorialized enunciations, which I develop in Zolin-Vesz (2016) and discuss in the next answer.

PALIMPSESTO

8) Based on your studies, you have offered a reflection that involves the concept of “deterritorialized and reterritorialized enunciations”. What does it mean? What is its value to language teaching?

FERNANDO ZOLIN VESZ

By deterritorialized and reterritorialized enunciations, I mean the “constructions (cultural and linguistic) that suggest multiple and greater transience by territorialities, by stimulating destabilizations in relation to the meaning and value of truth that make up certain territorialities” (ZOLIN-VESZ, 2016, p. 219). I have thought on this concept as a way to understanding the linguistic and textual practices that expand the normativity imposed by the monolingual discourse. Actually, I have tried to get closer to discourse studies – that is why the use of enunciation. The intention, in the final analysis, by

thinking on non-monocentric linguistic constructions, is to contribute to ponder in our classrooms about the real effects of the concept of language framed by monolingual discourse. In this way, I propose to build a classroom based on equity among students: instead of the correct monocentric answer, multiple linguistic practices would be called upon, as an increment for training not only the linguistic diversity of our students, but also the multiplicity of ways of being in the world. I believe that this is the main contribution that the discussion on des- and reterritorialized enunciations can bring to the teaching of languages, particularly if we consider the monolingual paradigm/discourse as one of the facets of the practices of coloniality.